

Crise: perigo e oportunidade

LIVROS - LANÇAMENTOS

Recentemente foi lançado o livro **Cirurgia Plástica, Obrigação de Melo**, do ilustre professor Juarez Moraes Avelar, editora Hipócrates, (fone 11-3085-4211), em cuja obra o autor ensina, de forma bastante clara, distinta e adequada, Cirurgia Plástica, abrangendo todos os campos da especialidade, com descrições



que servem aos especialistas e aos não especialistas. Juarez Avelar mostra que a divisão da Cirurgia Plástica em Reparadora e Estética só tem valor para fins didáticos, uma vez que não se pode dissociar uma da outra. A obra serve também, e isso é muito importante, para a defesa profissional dos cirurgiões plásticos, que porventura se virem vítimas de processos judiciais, comuns hoje em dia, muitas vezes patrocinados por pacientes que não se contentaram com o resultados das operações, e ignoraram que cirurgias plásti-

cas, já reparadoras, já estéticas, são obrigações de meio e não de fim ou de resultado.

Manoel Ignácio Rollemberg acaba de publicar **Nos Tempos da Panair**, editora República Literária. A obra é especial do começo ao fim, por conter vivências reais do ilustre médico, que esteve a via-



jar por lugares interessantesíssimos, a conhecer povos e costumes, raças e tradições, em encontros imprevisíveis, aventuras, tudo descrito com fino senso de humor. A leitura é, por assim dizer, leve, sem contudo deixar de ser profunda, de cunho humanista, médico, social, psicológico, cultural. Nos Tempos da Panair é uma excelente contribuição às boas publicações nacionais elaboradas por médicos escritores. O editor, Wimer Botura Júnior, também é médico (psiquiatra), e merece os parabéns pela caprichosa edição.

O ano 2001 será marcado pela edição de várias obras importantes para a Medicina Nacional. Entre elas, uma Enciclopédia Médica, a primeira totalmente brasileira que, pela quantidade de verbetes, será uma das mais completas do mundo (cerca de quatrocentos mil verbetes, lembrando que os grandes dicionários da língua portuguesa têm cerca de duzentos, duzentos e cinquenta mil). Aguardem.

Prof. Dr. Irany Novah Moraes

Crise é, para o médico, mudança repentina do estado de saúde de um paciente. Decorre do equilíbrio instável da luta entre o agente agressor e as forças de defesa existentes e mobilizadas pelo organismo. A manifestação clínica é brusca e indica o momento crítico para o doente pois pode evoluir para a cura rápida ou para a sucumbência. Tal quadro pode ser generalizado considerando-o não só para o organismo humano como também para o social ou mesmo societário.

O ideograma chinês, v.g., utilizado para transmitir a idéia de crise é composto de duas partes. A do alto da figura traduz perigo, serve de sinal de alerta, pois revela o risco iminente e a da base, oportunidade, significando possibilidade de solução, de melhoria, de refinamento e de purificação. Todo o conjunto tem em si uma grande lição: embora uma crise desgaste e traga o risco de abalar uma entidade podendo aniquilá-la, por outro lado também, desde que superada, abre caminho para a melhoria, até mesmo evolução e progresso. É evidente que, para aproveitar a oportunidade, usa-se inteligência, bom senso, esforço e dedicação daqueles que estão sinceramente interessados em resolver o problema e que fundamentalmente tenham espírito público elevado.

Uma pequena digressão permite lembrar que, em nosso idioma, palavras de sentido opostos podem compor expressões equivalentes, às vezes até mesmo com algum matiz de ênfase. É exemplo que ocorre

em uma de nossas praias onde uma "casa de força" alambrada, tem dois portões com placas de alerta onde, de um lado, está escrito "perigo de vida" e, do outro, "perigo de morte". Vida e morte, vocábulos antagônicos, no caso, com o mesmo sentido, induzem para seu entendimento, um pensamento reflexivo.

O momento pós-crise é especial pois mobiliza os interessados pela instituição que assumem sua parce-

var a Terra no momento em que a reflexão surgiu, ele não se admiraria da luz dos cataclismos e nem da bomba atômica, mas se ofuscaria diante da luz da reflexão".

Contando com essa energia, a nova Diretoria da Academia de Medicina de São Paulo a ser eleita em data próxima, está na condição privilegiada de pós-crise, que foi superada pela inexorabilidade do tempo e permitiu a todos os acadêmicos que, em Assembléia, se manifestassem oralmente, outros por telefonemas, cartas, cartões, telegramas e e-mails. Todos coerentes apregoando de forma uníssona o respeito à tradição secular da Academia, alguns lembrando os ideais de seu fundador Luís Pereira Barreto.

Caberá aos Acadêmicos, antes da posse do novo Presidente, eleito no mandato anterior, escolher, além dos demais integrantes da Diretoria, também o futuro Presidente Eleito que deve ter, no mínimo, as quatro virtudes cardiais referidas por Platão: sabedoria, coragem, temperança e justiça. O sufrágio do Presidente Eleito com tais virtudes e da nova Diretoria garantirá a tradição da Academia.

Houve a crise, o alerta de perigo foi percebido, o bom senso dos Acadêmicos conduziu o processo para a solução e a oportunidade chegou. Que a Academia goze de harmonia como ocorreu durante mais de um século e que volte a marcar firme sua presença zelando pelos seus objetivos maiores: circulação de idéias para fomentar a cultura médica.

Prof. Dr. Irany Novah Moraes, presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1 983-1985)



la de responsabilidade na necessidade de preservá-la. Tal sentimento generalizado, que se poderia chamar de consciência coletiva, toma o momento propício para reflexão. Lembro Paulo Duarte, jornalista que, ao lado de Júlio de Mesquita Filho, ajudou Armando de Salles Oliveira a fundar a Universidade de São Paulo, que relatou um diálogo que teve com Paul Rivet, Diretor do Museu do Homem de Paris, no seguinte teor: "se o marciano pudesse obser-

Leia:

O doce de Pinxuiim

Marizinha Congilio
Página 3

Um galinho de briga

M. I. Rollemberg
Página 3

A menina de olhos azuis

J. Marques Teixeira
Página 4

artigo

Um galinho de briga

M.J. Rollemberg

Na década de 30 as infecções constituíam-se em grave risco de vida, sobretudo ao atingir os órgãos internos. A osteomielite estava entre elas. Às vezes uma batida aparentemente inocente evoluía rapidamente para a terrível moléstia, que como um rastilho de pólvora atingia todo o osso. Eram frequentes nas pernas, quando a conduta terapêutica na maioria das vezes só encontrava duas alternativas: amputação ou morte. O acadêmico Nairo Trench encontrava-se no quinto ano médico, quando foi obrigado a abandonar os estudos para o tratamento difícil, moroso e incerto. Depois de quase um ano teve o seu problema resolvido pelo prof. Rezendes Puech complementado por uma artrodese do joelho com encurtamento da perna, deformada de do pé e um andar característico. Todos já sabiam de sua aproximação quando ouviam aquele toc-potoc inconfundível.

Sua volta ao curso médico coincidiu com a revolução de 32, sendo convocado para a frente de batalha como auxiliar médico, trabalhando com um cirurgião mais velho. Com a retirada dos paulistas, todos os dias eram obrigados a levantar acampamento e carregar suas "tralhas". No terceiro dia seguido procurou seu superior e foi esbravejando:

- Assim não é possível!
- Não é possível o que, Nairo.
- Esta mudança diária de acampamento...
- Mas isto é guerra, e além disso, porque toda esta braveza?
- É que não posso ficar de cócoras para minhas necessidades fisiológicas. Por isso, tenho de sair pelo mato para encontrar duas forquilha apropriadas, e com estas retiradas não estou conseguindo...

Na volta, ao ocupar a presidência do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz da Faculdade de Medicina de São Paulo, conseguiu construir a piscina toda de mármore, que foi a segunda da Capital. A primeira foi da Atlético São Paulo. Lembro-me de seus encontros nos intervalos das cirurgias no Sanatório Santa Catarina com o prof. João de Lorenzo, que também detalhava sua partici-

pação na construção da primeira piscina do Clube Esperia, às margens do então despoluído Tietê.

Foi sempre muito vaidoso e galã. Nesta época namorava uma moça da alta sociedade paulistana, sobrinha de um eminente "príncipe" da igreja católica. Naquele tempo os bispos eram filhos de famílias ricas e aristocráticas. Como suas origens não remontassem a nenhum destes valores, o prelado passou a fazer carga cerrada contra o namoro. As coisas chegaram a tal ponto que certo dia ao passar pela rua São Bento, ponto máximo da elegância de então, topou com o dito cujo. Dirigiu-se ao mesmo agressivamente e após meia dúzia de palavras acertou um potente direto no nariz do prelado e em seguida pôs-se a correr, com todas as dificuldades. De início houve apenas espanto e estupefação da multidão. Imagine-se naquela época em que a Igreja dava as cartas e jogava de mão. Após alguns instantes aquele populacho diante do gesto "sacrílego", passou a perseguir em bando aquele "possuído pelo demônio". Estavam perto do largo São Francisco e logo nosso herói conse-

guir adentrar as Arcadas, onde os acadêmicos do XI de Agosto impediram a entrada da "malta", como a dizerem: "Ici, on ne passe pas."

Os bailes da época representavam o ponto alto da sociedade paulistana, sobretudo no fim do ano ao comemorarem as formaturas. Escolhiam-se os melhores salões, em geral de cinemas famosos. Retiravam-se as poltronas, permanecendo as frisas que envolviam a platéia. Já tinha trocado olhares com uma moça lindíssima sentada em uma destas frisas. Após o convite ficou esperando-a na pista de dança. Qual não foi seu espanto ao ver que a moça apresentava artrodese de uma das pernas. Daí para a frente foi um verdadeiro suplício em que pernas, coxas e pés ficavam dando batidas, que só cessaram com o término daquela interminável música.

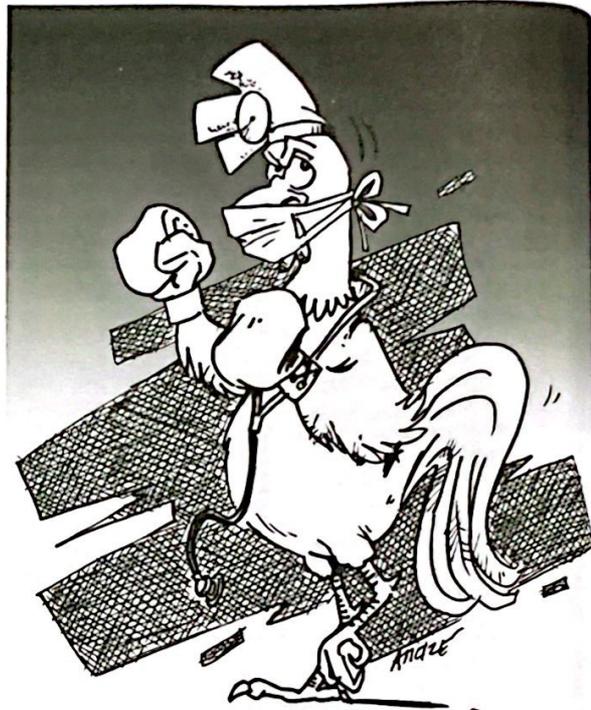
As pneumonias ocupavam lugar de destaque no obituário. Quando não ocorriam os empíemas associados, muito comuns na pneumonia pneumocócica, conseguia-se algum sucesso. Mas nestes casos e sobretudo nos

processos bilaterais chamadas pneumonias duplas o óbito era inevitável. Foi quando começou a diagnosticar e fazer o tratamento correto com drenagem, obtendo então curas memoráveis, crescendo sua fama.

Com a chegada dos antibióticos foi se aventurando com outros pioneiros a tratar cirurgicamente lesões intratorácicas com enorme sucesso, aumentando ainda mais seu nome. Daí à criação da Enfermaria de Cirurgia de Tórax da Santa Casa de São Paulo foi um passo. Trabalhara na 1ª Cirurgia de Homens da Santa Casa com cirurgiões brilhantes como Raul Vieira de Carvalho, filho do não menos famoso Arnaldo Vieira de Carvalho, bem como Cintra Gordinho. Este tinha um problema de grande tremor nas mãos. As pessoas que ficavam assistindo não se continham e perguntavam ao ilustre cirurgião "se aquilo não atrapalhava?" "Pelo contrário", respondia: "Operar não é problema. A graça está em operar tremendo..."

O serviço de Tórax foi localizado no andar térreo sob a I a Enfermaria de Homens, cujo titular era o Prof. Oscar Monteiro de Barros. Como a planta do local não permitisse a construção de um auditório, tiveram que adentrar o jardim lateral, com as janelas pequenas de tipo vitral comunicando-se com o jardim e o corredor interno. A porta era também de ferro contendo pequenos vitrais. Visava-se com isto melhor iluminação.

Como seu gênio fosse um "pouco" belicoso, certo dia chegou à enfermaria um seu desafeto (as razões desta desafeição nunca ficaram bem esclarecidas, mas deviam estar relacionadas com sua língua que às vezes "soltava chispas de fogo"). Era também cirurgião famoso, corpulento, sanguíneo e não menos belicoso. Nairo estava escrevendo na mesa principal, cujas dimensões eram avantajadas e coberta por um grande tempo de vidro. Começaram a dialogar em altos brados. A certa altura o desafeto disse: "Você não tem medo de mim?" A resposta veio pronta: "Não tenho medo de f. da p.



nenhum!". O sujeito trancou a porta por dentro e o que se ouviu a partir foram imprecações, muito barulho, tombos, cadeiras quebrando-se, uma balbúrdia geral. Quando o dr. Silva Telles conseguiu com outros arrombar a porta o dito cujo estava em cima do Nairo, quase o esganando. Ficou um mês no "Estaleiro".

Este e outros fatos eram contados com um misto de graça e ironia, em que se vislumbrava um olhar moleque e traquinas. Em seus momentos amenos sempre nos deliciava com fatos pitorescos, aliados à sua grande cultura.

Certa vez estávamos o acompanhando a uma cirurgia no Santa Catarina. O trânsito era muito tranquilo e chegava-se à avenida Paulista esperando a melhor oportunidade para entrar à esquerda do hospital. Ao virar a Haddock Lobo, um Dauphine (pequeno carro da Renault feito pela AeroWillys) deu-lhe uma solene "fechada". Tirou o rosto para fora e esbravejou: "ANIMAL!". Continuou sua marcha até o farol seguinte na avenida Paulista. O Dauphine emparelhou e dele desceu um mostrengo, que colocou as mãos na janela do carro e perguntou: "O que você disse?" Nairo

mirou o sujeito de alto a baixo e completou: "Falei animal, mas não pensei que fosse tão grande..." O sujeito riu e foi embora.

No início dos anos sessenta a Santa Casa vivia momentos dramáticos de sua história. A nova Associação de Médicos comandada por Emílio Athie trazia grandes inovações, correspondente aos 96% dos votos a ele confiados. Além da defesa dos direitos dos médicos, começava a tomar forma a Faculdade da Santa Casa, sonho acalentado desde o momento que a faculdade de medicina foi transferida para Pinheiros. Na realidade todos queriam a faculdade, mas ninguém fazia nada. Havia um grupo que a queria em uma bandeja de prata. Emílio provou que com um grupo harmonioso e coeso seria possível, embora demandasse enorme esforço. De início este pessoal não deu muito crédito. Além do mais Emílio era chefe de clínica, mas não possuía enfermaria. Quando abriu os olhos a coisa estava em tal andamento de onde não poderia retroceder. Era preciso impedi-lo de qualquer forma. "Já que não é possível comigo, que não seja sem mim", o jargão característico de um famoso ex-ministro de estado.

Após meia dúzia de palavras acertou um potente no nariz do prelado

Como presidente da Associação dos Médicos, Emílio fez uma solicitação normal, dentro dos estatutos da Santa Casa, ao Diretor Clínico. Quando o grupo contrário soube do caso, viu a oportunidade de brechar aquilo alegando uma inconstitucionalidade (totalmente descabida) no pedido. O Diretor Clínico mandou o caso ao Conselho Deliberativo que resolveu tirar o corpo fora, convocando uma assembléia extraordinária de todos os chefes de clínica e assistentes efetivos, os quais tinham direito a voto. As coisas foram se encaminhando de tal forma que se a resolução da assembléia determinasse que o Diretor Clínico estivesse errado na condução do caso, corresponderia a um voto de desconfiança o que iria acarretar sua demissão. Em caso contrário seria feita uma censura ao presidente da Associação dos Médicos, que não teria mais moral para continuar sua administração. A assembléia já estava

em funcionamento a vários dias em caráter permanente, quando ao cabo de uma semana, um dos mais exaltados líderes do grupo contrário, chefe de uma enfermaria, levantou-se e ante a iminência da vitória de seu grupo pediu a imediata votação da moção. Neste momento o prof. Fabio Dória do Amaral levantou-se e pediu a palavra. O prof. Dória era secretário geral da Associação dos Médicos. Imediatamente o turbulento chefe de enfermaria levantou-se e em altos brados exigiu que fosse negada a palavra ao colega. Houve um protesto veemente de parte da assembléia, com o Nairo à frente. Quando a situação deu uma amainada o ilustre cirurgião dr. Silva Telles tomou a palavra e mostrou seu desgosto e espanto diante daquele fato insólito. Afinal de contas estava-se em uma assembléia aberta, democrática e perguntava porque alguns tinham direito a falar e outros não. As ovações às suas palavras funcionaram como um salvo conduto para o prof. Dória, que permaneceu durante todo este tempo calado e esperando pela resolução do impasse. Começou dizendo de seu espanto ante tudo o que estava acontecendo. Fez um retrospecto geral,

mostrando que a atitude era inteiramente constitucional, regimental e correta. O Diretor Clínico tinha poderes e deveria ter resolvido o assunto facilmente. Aquilo naturalmente era uma maquinação de um grupo enciumado por ver algo caminhando dentro das normas, porém, sem a presença deles. Não era nada mais além disto. O Conselho Deliberativo que estava presente por seus membros manifestou-se pela primeira vez através de seu presidente, que não apenas endossou como reafirmou as palavras do Prof. Dória. Os outros conselheiros foram repetindo o mesmo como um verdadeiro "mea culpa".

Como a votação já havia sido pedida, foi encaminhada aos presentes pelo presidente da assembléia. O resultado final mostrou que a maioria estava contra a atitude do Diretor Clínico, que não teve outra saída senão pedir demissão. Estava removido o último empecilho à criação da Faculdade de Medicina.

Na saída houve um início de tumulto, com o Nairo à frente. Houve muito bate-boca, empurrões e alguns "catrripapos", quando a maioria do "deixa-disso" foi dissolvendo a pendenga. Fomos em direção à enfermaria de Cirurgia de Tórax com um grupo enorme e festivo. Ao nos prepararmos para descer as escadas, Emílio que prudentemente evitara a assembléia, ia passando pelos corredores. Nairo foi gritando: "Eis aí o novo Amaldo Vieira de Carvalho". Emílio deu um sorriso discreto e continuou seu trajeto.

Lá em baixo as pessoas iam chegando em número cada vez maior. A irmã providenciara um café reforçado com direito a biscoitos e suco de laranja... para todos. A conversa ia num tom cada vez mais elevado. Foi a certa altura que o dr. Zarko Caraimelli, um dos mais brilhantes clínicos daquela época, recordando todos os fatos passados e ainda no fragor daquela vitória dirigiu-se ao Nairo: "na realidade o senhor é mesmo um galinho de briga..."

M. I. Rollemberg é Cirurgião de Tórax

Houve muito bate-boca, empurrões e alguns "catrripapos"

O Doce de Pinxum

Mariazinha Congillo

Numa cidade pacata, Sebastião exercia sua profissão de dentista. Casado com a Quininha, só depois de quatro anos tiveram filhos; dois de uma vez. Luisinho e Marcelo já tinham três anos e se não comiam nas horas de refeições, apreclavam porém as guloseimas.

Quininha protestava em vão; Sebastião comprava pipocas, amendoim, algodão doce, pé-de-moleque e o que mais lhe surgisse à frente.

Apareceu por lá um vendedor ambulante. Todas as manhãs gritava:

- Pinxum chegou... Amendoim... Pipoca... Cocada... Pé-de-moleque!...

Sebastião, impossibilitado de ir até a carrocinha, mandava a empregada comprar ora uma gulodice, ora outra. Um dia porém ouvindo o vendedor gritar:

- Pinxum chegou... Pipoca... Amendoim...

Disse à Quininha: - Você já comprou pinxum alguma vez?

Ela respondeu que não e ele confessou:

- Não sei que doce é este. Do que é feito?

Quininha que é grande quituteira precisou humildemente confessar que nunca ouvira falar daquela iguaria; Sebastião falou:

- Qualquer dia deste vamos comprar; pode ser gostoso.

- Não vá comprando tudo o que lhe ofereçam, Sebastião! Não sei como as crianças não adoecem com tanta mistura que fazem. O Marcelo ontem comeu três cocadas e um pacote de amendoim.

Sebastião emburrou. No dia seguinte mandou a empregada comprar os doces e quando esta voltou com o troco, uma cliente saía e Sebastião lembrou-se de perguntar:

- Escute Benedita, você comprou pinxum?

- Não, senhor!

- Todo dia o vendedor anuncia este tal de pinxum. Ama-

nhã você dê uma olhada e veja como é o doce: a cor, o tamanho, e pergunte de que é feito.

- Sim, senhor.

Na manhã seguinte ouviu-se como sempre:

- Pinxum... Pipoca... Amendoim torradinho... Cocada... Bombas...

Dali a pouco chegou a Benedita e foi falando:

- Olha, patrão, eu olhei em todo o tabuleiro e num vi o tal de pinxum. Só tem estes doces mesmo.

- Não é possível Benedita. Pois você não ouve o vendedor anunciar todo dia Pinxum?

- Eu vejo ele falar mas não vejo o doce. Ué, por que o senhor não vai lá?

- Pois irei. Amanhã mesmo.

E foi. Deixou um cliente com a boca aberta esperando tratamento, motor ligado e saiu apressadamente.

- Bom dia.

O vendedor respondeu com um simples aceno de cabeça. Sebastião continuou.

- Sou o dentista que mora aqui; tenho comprado doces todos os dias para as crianças; hoje resolvi dar uma olhada.

E deu olhadas compridas e insinuantes; viu pipoca, amendoim, cocadinhas, maria-mole, algodão-doce, e chegou a tirar uma toalha que cobria uma cesta para ver o que era; descobriu o doce de abó-

bora vivendo em grande intimidade com o doce de batata.

- O que o senhor quer? Doce de batata?

- Não. Não... Estou vendo... O senhor tem mais algum doce?

- Não. Só estes daí.

Sebastião viu que não tinha alternativa. Precisava perguntar sobre o pinxum, mas havia de conhecê-lo, custasse o que custasse! Mostrando flinomia de profundo conhecedor, pediu:

- Quer me dar um pinxum?

O vendedor continuou olhando para ele.

Agora não tinha saída. Insistiu:

- Quer me dar um pinxum?

- Mas, que doce o senhor quer?

- Quero um pinxum. - E já em desespero de causa continuou: - Todo dia o senhor anuncia pinxum...

O vendedor permaneceu uns segundos estático: depois, quase num sorriso esclareceu:

- Pinxum é o meu nome. Eu digo sempre (e gritou para provar):

- PINXUM chegou... Pipoca, Amendoim, Cocadinha...

Naquele dia o Pinxum vendeu para o Sebastião três saquinhos de pipocas e cinco de Amendoins.



crônica

A menina de olhos azuis

J. Marques Teixeira

Da janela que me abria o horizonte da cidade chegavam os primeiros raios de uma manhã ainda sonolenta. Os carros, térmitas obedientes, agrupavam-se em filas intermináveis. Ao longe o mar, denso, esfumado de azul, pacífico.

Ela entrou no gabinete, muito alta e magra até ao exagero, vestida com um rigor negligente, com um passo forte mas algo desajeitado. Trazia um olhar adormecido, de um azul muito claro, estranho. Um olhar distante e profundamente triste. Os cabelos desgrenhados formam uma cabeleira acastanhada e uma voz rouca, forte, timbra-lhe o porte. Olha-me sem afetação e logo de seguida evita-me o olhar.

– Está triste? Pergunto hesitante.

– Sim, monossilaba-me sem expressão.

– Posso saber da sua tristeza? Saem-me as palavras em polifonia, acompanhando o olhar desviado e baixo que a menina de olhos azuis sustenta.

– Posso escrever?... não gosto de falar!

Dou-lhe um papel e uma caneta que se enchem e gastam durante 20 minutos. Enquanto escreve, observo. E penso. Porquê este silêncio de sons e esta atordoadada de grafismos a traduzirem o sentir? O que dos meus olhos a deixará tão perturbada?

“Violação da privacidade...”, uma frase a abrir um discurso difícil de acompanhar. Interrogo-me se a estarei a pressionar e interpele-a:

– Violação da privacidade?

– Sim, retorquiu e continuou, com pancas ou sem elas há que ter respeito pelo próximo!

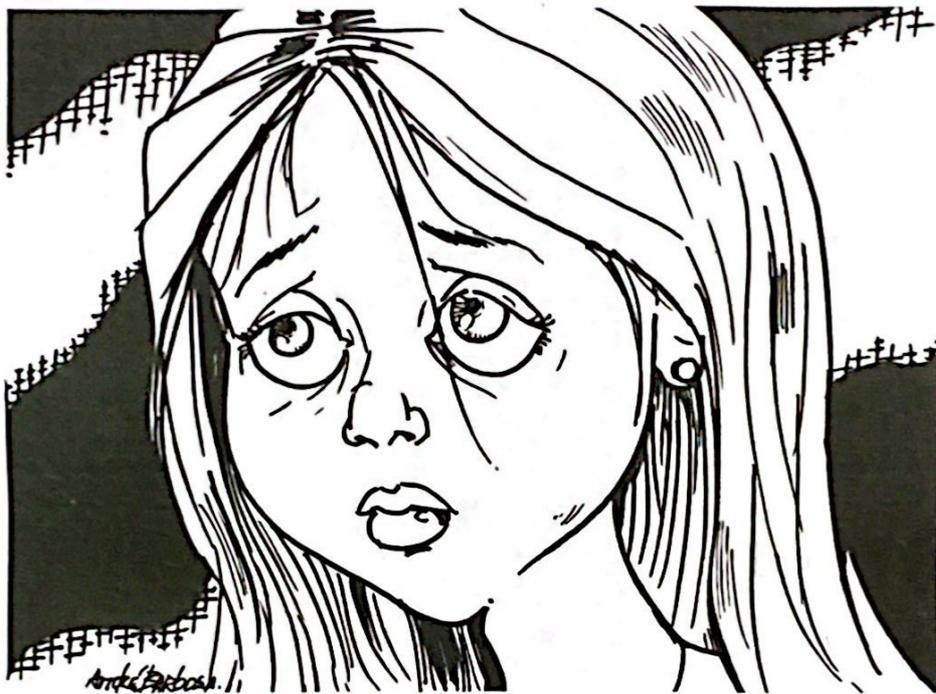
O meu espanto deve-me ter escapado na expressão, pois a menina acrescentou:

– Fugiu-se-me o anonimato, já não posso andar na rua e não ouvir bocas de pessoas que andam a dormir...

O privado da sua vida eram os locais por onde passava.

Retoma a escrita esquecendo-me completamente, num frenesim gráfico atarantador.

“Estou farta desta vida. Um namorado, uma mãe, uma irmã, um pai, um padrasto, uma casa, responsabilidades, um corpo, um maldito corpo que não me deixa viver sossegada...”. Uma outra frase que inicia uma ideia longa e tortuosa. O corpo maldito, cuja hipertrofia do sentido puramente es-



tético da vida conduz ao desespero. Parou de escrever e olha-me agora, com menos dificuldade ao entregárem em mão a sua comunicação. Leio e medito, de vez em quando olho para ela, e repito uma frase escrita, “sinto que não há silêncio!”, e fico à espera. Fala-me, então, da inquietude, dos limites esfumados, dos olhares ameaçadores e das vozes interiorizadas. Fala-me da sua angústia face ao significado de tudo isto, da possibilidade de enlouquecer, de um certo prazer em ser assim. Fala-me dos lados radiosos desta “loucura” que só a infelicidade fazem revelar. Fala-me da vida e da morte, do sonho e da realidade, do desejo e da força. – Se sou arrogante é porque não agüento mais que façam de mim uma história.

Fala rouca, agora de amargura

própria de quem sente perder o direito ao quotidiano, esse que vai até aos mais remotos espaços e onde tudo se cruza por acaso.

– Já não consigo ter certezas e cansei de chorar.

A tristeza era o olhar dela, deixando-me perceber para além do olhar a solitária perseverança que a deixa imaginar sem cair na imitação. Volto à leitura e retenho “...estava a tentar dormir quando um desenho do meu quarto que estava na parede se mexeu e eu sei que não se mexeu”. O sorriso contemplativo da sua face mede-lhe a distância do abismo que vai do saber ao não saber, “...estou presente mas a minha mente navega constantemente e tenho curiosidade em saber”. Recostou-me na cadeira e espanto-me com esse mundo. A menina de olhos azuis

agora olha-me nos olhos e deixa-me ir ao fundo da alma. Pressinto o seu grito de socorro, mas abafado, amedrontado. É que a sua fala confidencial é por todos partilhada. Mas não chego lá. A sua experiência é tão pessoal que é impossível incluí-la neste espaço relacional comum. Só lhe toco enquanto projeção do espírito humano, com os seus profundos abismos, mas, mesmo assim, com o seu espaço impenetrável. –As pessoas vão ao médico para ficarem iguais às outras. Só que eu quero ser diferente, mas não desta maneira ... ou talvez desta ... não acha que se pode ser igual a si próprio e ser diferente de todos, sem ter que haver essa coisa estranha no ar?

Fala-me e vejo nela um espelho, um reflexo da passividade de uma

vida, a coincidência consigo própria. Entre os ritos do seu comportamento às vezes quase marginais, há o revestimento arriscado, executado sobre o abismo e dirigido à harmonia.

– Porquê esta cerca que me embaraça e me tira o sossego que eu consigo combater?... já não tenho forças para dar a cara...

A cara que lhe custa a identidade. Poder sobre quê? A menina de olhos azuis apercebe-se de um ser que é outro e que lhe comanda os gostos e as vontades.

– Não é à toa que falam uma linguagem de tolos ... toda a gente é maluca, toda a gente tem alguém logo dentro delas.

Esta lúcida consciência da realidade, não da comum, mas desse intermediário entre os seres, impõe-lhe a franquear esta ponte entre a realidade e o irreal cujo risco é perder o dom fraternal e a reciprocidade dos gestos. A existência precisa sempre de um outro para se definir e para tomar uma proporção acima das suas intenções. Ela sabe disso, como também sabe que a verdade que não quer perder a conduz à infinidade e que o infinito conduz ao terror.

Mas a sua eloquência estava nessa sinceridade sem afetação que alcança o limite da minha consciência evocando-me uma tema contemplativa do seu estado de estar.

J. Marques Teixeira – É professor de Psiquiatria da Universidade do Porto

poesia

Fêmeina

Ivan de Melo Araújo

I
Anseias aplacar das horas agitadas
do amor, no afeto, a alma extraviada,
o amante eterno, a conceder-te olhar infindo
e a sussurrar, algoz do teu recato já vencido.

II
Até a raiva, o medo, o orgulho incontidos
suportas, à dor de dias esquecidos.
Aspiras por horas em calma escoadas,
lençóis macios, tréguas, rendas amassadas...

III
Voas suave ao longo desta vida.
A alma esquece a hora das contendas.
Perdes no tempo, da razão as horas findas.
És mãe, ativa, radical, querida.

IV
Teu homem voa, presa da loucura.
Sólida te atas ao grilhão da terra.
És esplendor da rocha, e cessas a procura
do afã da vida, neste ser que encerras.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:
Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:
Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:
Duílio Crispim Fanna
(presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Mansa Campos M. Amato
João Marques Teixeira

Cinematoteca:
Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:
Aldir Mendes de Souza

Museu da História
da Medicina
Jorge Michalany